

COMENTÁRIO BÍBLICO

8º Domingo Comum – Ano C

27fev2022

Isaías 55,10-13; Salmo 92,2-6,12-15; 1 Coríntios 15,51-58

S. Lucas 6,39-49

³⁹Jesus apresentou-lhes depois esta parábola: «Pode um cego guiar outro cego? Não irão cair os dois nalgum buraco? ⁴⁰Nenhum discípulo está acima do seu mestre, mas todo o discípulo bem ensinado será como o mestre. ⁴¹Por que é que tu reparas no cisco que está na vista do teu semelhante e não vês a trave que está nos teus próprios olhos? ⁴²Como podes tu dizer ao teu semelhante: “Anda cá, deixa-me tirar-te isso”, se não consegues ver aquilo que tens nos teus olhos? Fingido! Tira primeiro a trave que está nos teus olhos e depois já vês melhor para tirares o cisco da vista do teu semelhante.»

⁴³«Não há nenhuma árvore boa que dê frutos ruins nem árvore ruim que dê frutos bons. ⁴⁴Qualquer árvore se reconhece pelos seus frutos. Não se colhem figos dos espinheiros nem uvas das silvas. ⁴⁵Quem é bom diz coisas boas, porque tem um tesouro de bondade no seu coração, mas quem é mau diz coisas más, porque o seu coração está cheio de maldade. Cada qual fala daquilo que transborda do seu coração.»

⁴⁶«Por que é que estão sempre a chamar-me: “Senhor! Senhor!” e não fazem o que eu digo? ⁴⁷Sabem com quem eu comparo todo aquele que vem ter comigo para ouvir as minhas palavras e as põe em prática? ⁴⁸Como o homem que construiu uma casa escavando bem fundo para assentar os alicerces na rocha. Veio uma cheia, a água bateu com força contra a casa, mas não a abalou porque estava assente na rocha. ⁴⁹Mas todo aquele que ouve o que eu digo e não o pratica pode comparar-se ao homem que construiu uma casa sobre a terra, sem alicerces. Quando a corrente embateu contra ela, caiu logo e ficou completamente destruída.»

1. “Por que é que tu reparas no cisco que está na vista do teu semelhante e não vês a trave que está nos teus próprios olhos?”. Eis um dos mais intrincados problemas das relações humanas. Como somos tão rápidos e assertivos no apontar dos erros dos outros – mesmo menores – e tão complacentes com os nossos, quando deles temos consciência! Na verdade, uma das características do ser humano é a tendência para se sentir – *ver* – superior aos outros, ter ou ser ‘mais’ qualquer coisa do que os outros. Colocamo-nos no centro, explodimos em saber, em força, ou outra qualquer capacidade, e apresentamo-nos como os melhores, esquecendo que ao assim proceder estamos a considerar os outros nossos inferiores. Ora, isto não é senão uma manifestação de incapacidade de reconhecer os nossos limites e fraquezas. Então, Jesus ao dizer-nos que “*não vemos a trave que está nos nossos próprios olhos*” aconselha-nos a olhar com realismo para a nossa própria vida, o que somos, para depois nos aprontarmos a ajudar os outros.

2. “*Cada qual fala daquilo que transborda do seu coração*”. O coração é um músculo crucial para a vida, pois bombeia o sangue através dos vasos sanguíneos do sistema circulatório. Mas, para

lá dessa função, o coração é também o cadinho das nossas emoções e sentimentos e, segundo Jesus, depende dum *tesouro de bondade ou maldade* onde assentam as nossas vontades, as nossas escolhas e decisões.

Um dia Jesus disse que *“o coração está onde estiver o nosso tesouro”* (S. Mateus 6, 21). Ou seja, a grandeza ou avilteza do nosso tesouro é a argamassa do que se ‘congemma’ no nosso coração, sejam ‘bondades’ infinitas ou ‘malandrices’ inauditas. O que nos permite compreender a confissão do Apóstolo Paulo *“não faço o bem que queria, mas o mal que não quero, esse faço”* (Romanos 7, 19). E, também, o evangelista S. João nos avisa que *“Deus é maior do que o nosso coração”* (I João 3, 20). Ou seja, nem tudo o que ‘vem’ do coração pode ser a verdade, o que nos deve fazer ter a humildade – estar alerta – para perscrutar, ter cuidado com o que falamos. Vivemos num tempo em que o que vale é o nosso sentimento, as nossas emoções, em detrimento do que possamos pensar, criticar, avaliar. Isto, por vezes, leva-nos a pensar que o que interessa no andamento da vida é o que sentimos a propósito do que vemos, ouvimos e lemos. Precisamos de estar cientes de que o nosso coração nos pode enganar e levar-nos a decisões de que mais tarde podemos sofrer consequências. Como aquele publicano no Templo, temos de assumir as nossas fragilidades e com sinceridade pedir: *“Ó Deus, sê propício a mim, pecador”* (S. Lucas 18, 13).

3. «Por que é que estão sempre a chamar-me: “Senhor! Senhor!” e não fazem o que eu digo? Que pergunta, esta! É humano clamar pela ajuda de Jesus quando se está em sofrimento, em ansiedade ou desespero. Ele próprio disse *“pedi e dar-se-vos-á”*, um convite à chamada por *“Senhor”*... como o fez aquele cego de Jericó *“Filho de David, tem misericórdia de mim!”*, e até o ladrão na cruz *“Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino”* (S. Lucas 23, 42). Ao fazê-lo estamos a reconhecer a Sua soberania na nossa vida e a experienciar o sentido religioso.

Contudo, a fé em Jesus, como Senhor e Salvador, implica também a nossa envolvimento no Seu seguimento. E este só se pode realizar através do Evangelho. Lendo as palavras e as ações de Jesus, meditando nas Suas chamadas de atenção, procurando a linha de rumo para a nossa vida na relação com Deus, sem hipocrisias, de coração aberto, humildemente e com coragem para enfrentar as dificuldades que tal caminhar sempre levanta. Numa palavra, *“fazer o que Ele diz”*. Já reparastes como abundam por aí as pessoas religiosas, sempre prontas a cumprir as regras e os preceitos que a religião impõe, mas muito poucas as que se preocupam por cumprir o Evangelho na sua conduta?

Ora, o Evangelho de hoje está cheio de referências às discrepâncias do nosso quotidiano. O querer ser superior aos outros, julgando-se mais perfeito do eles; a vontade de nos embelezarmos exteriormente, esquecendo que o que conta são os frutos que produzimos, como os da boa árvore que não precisam de ‘maquilhagem’ para ser bonitos; a hipocrisia, a arte de representar o que não se é, lembrando que só cultivando o bom tesouro no coração se pode deixar de viver de aparências; a propensão para o mero cumprimento dos preceitos religiosos, esquecendo o valor transformador do Evangelho. Tenhamos presente que Deus ama-nos como somos, mas espera que façamos alguma coisa para sermos melhores.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana